

Denúncia de corrupção no Senado não vai ganhar CPI

O GLOBO

8 JUN 1978

BRASILIA (O GLOBO) — Não será criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a denúncia de Helvídio Nunes (Arena-PI), de que alguns Senadores estão envolvidos em corrupção.

A informação foi dada ontem pelo presidente do Senado, Petrônio Portela, depois de examinar o assunto com o próprio Helvídio Nunes, mais Paulo Brossard e Orestes Quêrcia, do MDB e os arenistas Augusto Franco, Wilson Gonçalves e Rui Santos.

PREOCUPAÇÕES

Petrônio Portela, que não escondeu sua irritação com a denúncia de corrupção, confessou-se também preocupado com o nível dos debates no Senado, onde frequentemente a linguagem parlamentar é substituída pela troca de insultos. Admitiu punir alguns senadores, caso seus entendimentos a respeito não cheguem a bom termo.

Outra preocupação de Petrônio é o projeto de Itamar Franco (MDB-MG), que impede os Senadores indiretos de ocuparem cargos de direção no Senado. "Estou trabalhando para que a proposta não vá adiante", disse o presidente do Congresso.

EFEITO RETARDADO

O Senador Helvídio Nunes (PI), vice-líder da Arena, afirmou que o pedido, feito pelo MDB, de constituição de uma CPI para investigar, com base em declarações suas, a existência de corrupção por parte de Senadores, "é uma espécie de bomba de efeito retardado, porque as insinuações apenas repetem outras, no mesmo sentido, dos Senadores Dirceu Cardoso e Dinarte Mariz".

O arenista disse ter guardado na memória as afirmações de Dirceu Cardoso (MDB-ES) e Dinarte Mariz (Arena-RN), e utilizou-as no discurso de anteontem "porque não é fácil ficar meia hora ouvindo descomposturas e depois subir à tribuna medindo as palavras". Helvídio Nunes referia-se às críticas do oposicionista Itamar Franco (MG) à figura do Senador indireto.

— Entretanto, minhas declarações não se referiam à corrupção, que não existe no Senado, e sim a excessos, pois alguns utilizam certas prerrogativas mais do que o necessário. Esse fato, porém, não justifica a constituição de uma CPI. Aliás, no meu discurso, não tive a intenção de atingir o Senado como instituição, que está acima disso tudo, mas parece que alguns estão tentando fazer isso.

Helvídio Nunes disse não ter provas de qualquer caso de corrupção ou mesmo de excessos praticados por Senadores, "pois se as tivesse teria apontado, da tribuna, os culpados, sem repetir as insinuações que outros fizeram". Acrescentou que não assinará qualquer requerimento de constituição de CPI, por considerar o episódio encerrado. Admitiu, entretanto, a possibilidade de fazer um discurso explicando o que queriam dizer exatamente as suas palavras, e mostrando as páginas do Diário do Congresso Nacional onde estão registradas as afirmações de Dirceu Cardoso e Dinarte Mariz.

— Defendi o Senador indireto, e sou candidato a uma vaga no Senado por essa via, porque sou um político profissional, não tendo vínculo empregatício municipal, estadual ou federal. Quando fui indicado, tinha duas opções: aceitar ou abandonar a carreira política, que venho seguindo por toda a minha vida. Aceitei e me submeti à decisão do meu partido.

Helvídio Nunes disse, ao final, que o Senador indireto foi criado pelas reformas constitucionais de abril do ano passado, sem a sua interferência, "nem por ações e nem por omissões".

— O próprio partido da oposição — concluiu — aceita essas reformas, quando isso lhe convém.